

O RESGATE DA “ESCRITA DE SI” NA OBRA DE ALINA PAIM

THE RESCUE OF “SELF-WRITING” IN ALINA PAIM’S FICTION

Luciana Novais Macielⁱ

Carlos Magno Gomesⁱⁱ

Resumo: Este artigo traz à baila reflexões sobre a “escrita de si” como uma estratégia para ampliação dos estudos sobre a obra da escritora sergipana Alina Paim, a fim de resgatar seu papel de liderança na luta pelos direitos das mulheres, dando destaque para a formação de leitoras das protagonistas de seus primeiros romances. Como recorte, vamos abordar as estratégias do resgate historiográfico, propostas por Elódia Xavier, e as abordagens da “escrita de si”, propostas por Margareth Rago, destacando como as personagens leitoras de *Estrada da liberdade* (1944) e *Sol do meio-dia* (1961) desvelam pistas da tessitura de uma escrita engajada na luta por uma sociedade igualitária. Concluimos que análises como a que fazemos neste artigo servem como relicário para o trabalho de resgate que vem sendo realizado no que concerne à vida, legado literário e fortuna crítica de Alina Paim. Ela é mais uma das escritoras nordestinas ostracizadas pelo Cânone Literário Brasileiro e pela historiografia literária nacional que merecem ser mais conhecidas e melhor estudadas.

Palavras-chave: Resgate; Romance de Autoria Feminina; Historiografia Literária; Literatura Engajada.

Abstract: *This article presents some reflections on “self-writing” as a strategy for expanding studies on Alina Paim’s work, a female writer from the state of Sergipe, in Brazil, in order to rescue her leadership role in the fight for women’s rights. It emphasizes the formation of female readers of the protagonists of her first novels. As the focus of this paper, we address the strategies of historiographical rescue proposed by Elódia Xavier and the approaches of “self-writing” proposed by Margareth Rago, highlighting how the female reader characters of Estrada da Liberdade (1944) and of Sol do meio-dia (1961) provide clues to the process of engaged writing in the fight for an egalitarian society. We conclude that analyzes such as this one we are making in this article serve as a reliquary for the rescue that has been carried out regarding Alina Paim’s life, literary legacy and critical fortune. She is one of the Northeastern female writers ostracized by Brazilian Literary Canon and by national literary historiography that deserve to be more known and better studied.*

Keywords: *Rescue; Female Authorship Novel; Literary Historiography; Engaged Literature.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL-UFS). Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Faculdade Pio Décimo. E-mail: luemeester@gmail.com.

ⁱⁱ Pós-doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIT /UFMG). Professor Titular de Literatura da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: calmag@academico.ufs.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A proposta deste artigo é trazer a lume reflexões sobre a articulação da “escrita de si” presente na literatura da escritora sergipana Alina Paim a fim de resgatar seu pioneirismo ao representar o cotidiano de mulheres trabalhadoras. A partir desse lugar, Alina Paim aborda discussões sobre a importância da luta pelos direitos femininos por meio de uma escrita que, mesmo se filiando aos princípios da literatura socialista, rompe com essa estética ao priorizar a construção psicológica de suas personagens femininas.

Este trabalho, uma revisão de bibliografia, advém de uma pesquisa básica cuja abordagem qualitativa aponta para o objetivo exploratório do *corpus*, adentrando no universo infindo desta escritora que julgamos ser ainda bastante subestimada pelo Cânone Literário Brasileiro em vista de sua trajetória pessoal-política-literária marcada pelos estigmas que suas escolhas lhe impuseram, a partir do contexto falocêntrico e misógino no qual esteve inserida.

Para fazermos jus à sua grandiosidade como beletrista, esse artigo científico à guisa de femenação a ela, neste dossiê que elenca literatas nordestinas obnubiladas pela historiografia literária, divide-se em duas partes que tanto ampliam o debate aqui trazido como se retroalimentam: (i) o Marco Teórico, onde apresentamos Alina Paim, sua obra e estilo de escrita; e (ii) os Resultados e Discussão, palco de nossas considerações sobre sua escrita de si.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 A Singularidade de Alina Paim na pluralidade de seu estilo de escrita e legado literário

As tênues relações entre os dados biográficos e a ficção de Alina Paim vêm ganhando destaque nos últimos anos por ampliarem seus estudos para as questões das escritas de si. Essa relação pode ser identificada na forma direta da citação de bairros e cidades onde Paim habitou, ou, de forma subliminar, nos ideais de suas protagonistas. Essa flexível fronteira entre a Literatura e a História faz parte da maioria de seus dez romances publicados: *Estrada da liberdade* (1944); *Simão Dias* (1949); *A sombra do patriarca* (1950); *A hora próxima* (1955); *Sol do meio-dia* (1961); *A Trilogia de Catarina* (1965), composta pelos romances *O sino e a rosa*, *A chave do mundo* e *O círculo*; *A correnteza* (1979); e *A sétima vez* (1994).

Sua atuação como escritora também está presente em sua produção infantojuvenil, que é composta por quatro romances: *A casa da coruja verde* (1962; 2019); *Luzbela vestida de cigana* (1962); *O lenço encantado* (1962); e *Flocos de algodão* (1966). Essas narrativas

condensam suas experiências como roteirista do programa infantil “No reino da alegria”, entre 1945 e 1956, que era dirigido por Geni Marcondes na Rádio do Ministério da Educação e Cultura. Além disso, Paim publicou alguns contos lançados no periódico *Momento Feminino*.

No início de sua carreira, sua intensa atividade literária foi acompanhada por diversos escritores e artistas como Graciliano Ramos, Jorge Amado e Cândido Portinari, entre outros intelectuais e companheiros de partido. Suas obras tiveram reconhecimento ao serem lançadas com boas tiragens e traduções para países socialistas. Vale lembrar que o revisor de seu primeiro romance foi Graciliano Ramos, dando-lhe conselhos e sugestões de ajustes. Paim o chamava, de forma carinhosa, de “Mestre Graça”. Entre as distinções recebidas por ela, destacamos o Prêmio Antônio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo romance *Sol do meio-dia*, em 1961, que foi traduzido para o alemão e o búlgaro. *A Trilogia de Catarina* ganhou o Prêmio Walmap, da ABL. Por atender às demandas do realismo socialista, o romance *A hora próxima*, de 1955, foi traduzido para o russo e o mandarim para serem distribuídos na União Soviética e China, respectivamente.

Alina Paim faz parte de um período em que ser escritora ainda era um desafio frente ao machismo e patriarcalismo que normatizavam o comportamento das mulheres em nosso país. Esse quadro foi mudando aos poucos no decorrer do século XX, com o advento do modernismo. Nesse contexto, o “feminismo” estava relacionado a gestos ou ações que resultam em “[...] protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo” (Duarte, 2003, p. 152). A autora está inserida nesse grupo de mulheres que lutava pelos direitos femininos, mesmo sem se nomear feminista, uma vez que para o Partido Comunista do Brasil (PCB), o mais importante era a luta trabalhista.

Em seus escritos, observamos que as experiências de resistência feminina se confundem com seu projeto estético, que está repleto de mulheres leitoras e trabalhadoras. Essas personagens cuidam do Outro, acolhem e projetam uma visão crítica das desigualdades sociais. Com tal particularidade, sua literatura é perpassada por experiências femininas próprias das “escritas de si”, conforme estudos de Margareth Rago, que nos chama à atenção para os questionamentos femininos advindos de “[...] práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas, que atuam no sentido de libertar as mulheres de uma cultura misógina e de imposição de um modo de ser ditado pela lógica masculina nos marcos de uma heterossexualidade compulsória” (Rago, 2013, p. 28). Uma outra vertente dos estudos sobre a escrita de si está relacionada aos conceitos de “romance autobiográfico ou autoficcional”, de acordo com os estudos de Eurídice Figueiredo (2020, p. 239).

Partindo dessas considerações, para este artigo, resgataremos as estratégias literárias de Alina Paim em retratar a resistência feminina a partir da “escrita de si”, dialogando com suas atividades políticas e suas produções literárias para destacar as aproximações entre sua biografia e as personagens de sua ficção. Para essa abordagem, destacaremos a performance política presente na representação de mulheres simples que resistiram aos valores machistas, seguindo as reflexões teóricas de Constância Lima Duarte (2003), Zahidé Lupinacci Muzart (2011), Elódia Xavier (2009/2012) e Margareth Rago (2013).

Ao revisarmos a trajetória de Alina Paim como intelectual de esquerda, interessa-nos analisar como a representação de mulheres leitoras questiona os valores de uma sociedade capitalista e patriarcal. Acreditamos que o imaginário dessas mulheres simples, com propósitos políticos no cotidiano, reforça a importância da obra de Paim como de uma ativista que combinou experiências políticas e pessoais na confecção do imaginário literário. Sua literatura engajada dialoga com os princípios estéticos propostos por autores como Graciliano Ramos e Jorge Amado, mas foi marginalizada pela historiografia literária, pois “[...] quase ninguém leu essas obras” de uma escritora “[...] que só agora começa a ser resgatada da invisibilidade” (Xavier, 2009, p. 77).

Dentro da Crítica Literária Feminista, os estudos do resgate são importantes para a revisão historiográfica, pois há o interesse em inseri-la tanto como uma importante ativista feminista do PCB quanto por ter sido uma importante escritora modernista que retratou as desigualdades sociais. Para tanto, entendemos que precisamos reler seus livros com novos recortes para atualizarmos os sentidos de seu projeto literário para além da estética socialista. Com essa estratégia, acreditamos que é preciso identificar “[...] como tais narrativas foram lidas pela crítica consagrada, como se encaixam nas correntes de sua época e como estabelecem relações com a literatura de seu tempo” (Muzart, 2011, p. 22).

Com uma revisão historiográfica, pretendemos analisar as particularidades da forma como Alina Paim representa o mundo interior das personagens femininas para reescrevermos sua trajetória literária e, conseqüentemente, tirá-la da lista dos nomes apagados pelo cânone literário, como reforçam os estudos do resgate (Muzart, 2011, p. 20). Essa perspectiva metodológica reconhece as “[...] profícuas relações entre literatura e feminismo” quando aponta para um novo paradigma histórico, ampliando “[...] a seleção tradicional de textos literários” próprios do cânone literário (Gomes, 2014, p. 24-25).

Nessa perspectiva, os estudos sobre as contribuições políticas e artísticas desta beletrista devem analisar como foi a recepção de suas obras e quais valores circulavam naquele contexto. Portanto, a revisão historiográfica é fundamental para preenchermos as lacunas da História,

elegendo as particularidades como ela, como autora, descreve a atuação de personagens que se opõem aos valores capitalistas por meio de estratégias psicológicas de formação intelectual e militância no cuidado com o Outro.

Por ter escrito diversos romances que valorizam protagonistas professoras e escritoras, consideramos que Alina Paim estava imbuída de se projetar a partir de seu “perfil feminino/feminista”, que é um dos motivos que levaram várias escritoras a serem esquecidas, conforme os estudos da “historiografia literária brasileira” (Campello, 2010, p. 48).

Na sequência, destacamos alguns pontos de intersecção entre essa escritora feminista de esquerda e sua produção literária.

1.2 A trajetória política e a recepção de Alina Paim

Alina Paim nasceu em 10 de outubro de 1919, na cidade de Estância (SE), e faleceu em 28 de fevereiro de 2011, em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Teve uma carreira atuante como militante filiada ao PCB, escrevendo para programas de rádio, jornais feministas e coordenando a associação de escritoras nos anos 1950. Antes dessa fase, Paim teve uma vida de perdas marcantes. Ficou órfã de mãe aos cinco anos de idade e passou a ser educada pelas três tias solteiras: Iaiá, Naná e Laurinha, em Simão Dias. Aos nove anos, sofreu outra perda: sua tia Laurinha, a quem considerava como uma mãe, faleceu, provocando em Alina uma grande dor e tristeza. Em seguida, foi interna no colégio Nossa Senhora da Soledade, em Salvador, no bairro Estrada da Liberdade, onde se formou no Curso Normal.

A vivência em clausura, como estudante interna, possibilitou-lhe o despertar para a escrita literária. Aos 12 anos, já participava da elaboração do jornalzinho *Espadachin*, do grêmio estudantil; tinha o acompanhamento e a supervisão da Madre Superiora, sempre muito rigorosa nas correções, conforme as pesquisas de Ana Leal Cardoso (2010). Ao concluir os estudos no convento, Alina Paim viajou a Aracaju, visitando a capital por poucos dias; ao retornar a Salvador, começou a trabalhar em uma escola da periferia, na qual se sensibilizou com a miséria das crianças e constatou as contradições sociais na Educação brasileira.

Após o casamento com o médico Isaías Paim, em 1943, mudou-se para a capital da República, o Rio de Janeiro. Ainda em 1944, filiou-se ao PCB, na seção Rio de Janeiro, e tornou-se membro do Departamento Feminino do Comitê Democrático Botafogo-Lagoa (Alves, 2015). Em entrevista para Ana Leal Cardoso, concedida em 2009, a romancista relata que ingressou no partido com o apoio do seu esposo. Na oportunidade, ressalta que não sofrera imposições ou determinações por parte do PCB. Todavia, ao resgataremos os acontecimentos

em torno das publicações de *A hora próxima* e *Sol do meio-dia*, observamos que essas obras são estruturadas a partir das marcas e exigências do realismo socialista, que era tido como uma estética revolucionária.

A atuação de Alina Paim frente ao Partido Comunista Brasileiro vai além de uma simples colaboração. Pelo contrário: trata-se de uma ativista que participou de várias campanhas em prol dos direitos da mulher, conforme constata Iracélli da Cruz Alves em sua tese de doutorado – *Feminismo entre ondas: Mulheres, PCB e política no Brasil* (2020). Nesta pesquisa, Alves confirma que Paim contribuiu para a divulgação do movimento feminista na sociedade brasileira e está presente, sobretudo, nos romances produzidos na década de 1950. Sua tese resgatou textos jornalísticos importantes que fazem parte da trajetória da escritora, como as entrevistas concedidas por ela a diversos jornais da época: “Além do jornal *Momento Feminino*, onde se ocupou da seção de Puericultura e publicou contos, colaborou com revistas literárias, como *Esfera*, dirigida por Silvia Leon Chalreo e Maura de Sena Pereira, e *Leitura*” (Alves, 2020, p. 199-200).

Outro importante estudo de resgate dos passos de Alina Paim, em sua histórica trajetória como intelectual, foi feito por Gabriel Moura Silva quando detalha os momentos de produção da autora entre 1947 e 1956, dando relevância para seu papel como ativista de esquerda atuante: exercendo papel de líder na associação de escritores, fazendo viagens a pedido do partido e contribuindo com a imprensa da época, com destaque para “[...] sua contribuição ao *Momento Feminino* desde sua primeira edição, em 1947, até 1956, quando o jornal saiu de circulação, fazendo uma das coisas que mais lhe agradava: escrevendo contos” (Silva, 2022, p. 77).

Nesse período, Paim aceitou o desafio de escrever *A hora próxima*, inspirada em uma experiência real na qual as esposas dos ferroviários da Rede Mineira de Viação estouraram greves a partir de 1949, nas diversas cidades de Minas Gerais, impedindo que as linhas de trem funcionassem para reivindicar os salários atrasados de seus maridos e o reajuste dos baixos salários. Alina Paim foi encarregada pelo PCB de acompanhar as greves em 1951. Durante esses episódios, o Estado a processou e ela recebeu um mandado de prisão em abril desse mesmo ano. Esse episódio gerou diversos manifestos de esquerda contra a censura do Estado e a luta pelo direito de liberdade dos intelectuais esquerdistas. Depois de várias versões, *A hora próxima* foi publicado e passou a ser o único que faz parte da coleção *Romances do povo*, da Editora Vitória, que era voltada para obras calcadas nos princípios do realismo socialista.

Nos estudos acerca de *Estrada da liberdade* e *Simão Dias*, Ana Leal Cardoso foi uma das primeiras pesquisadoras a ressaltar as relações entre memórias pessoais e os romances de Alina Paim, pois sua “[...] história de vida confunde-se com aquela das suas personagens, quase

sempre enredadas num espaço familiar conflituoso ou no interior de algum convento” (2010, p. 125). Além dessa perspectiva, em uma abordagem historiográfica, Carlos Magno Gomes reconheceu um diálogo muito próximo das suas primeiras escritas literárias com a tradição regionalista, principalmente em *A sombra do patriarca*, por retomar a trajetória de uma mulher pelos territórios da segregação racial e social dos antigos engenhos de açúcar. Nessa obra, Alina Paim apresenta um “[...] intrínseco diálogo com o realismo social” e o “[...] descentramento da identidade feminina a partir de sua formação educacional” (Gomes, 2014, p. 33-34).

Assim, os estudos de resgate dessa autora têm um compromisso com a reescrita da história literária, já que Paim foi preterida pelos principais manuais de História do Brasil e de Literatura Brasileira do século XX (Muzart, 2011). Ana Leal Cardoso reconhece que a literatura de Alina Paim tem fôlego e “[...] instaura um universo próprio à investigação, tamanho é o ímpeto das forças sociais e culturais que se entrelaçam e integram a sociedade contemporânea, ali representada, o que ‘casa’ com os parâmetros da crítica feminista” (2009, p. 37). Ao optar por representar mulheres atuantes e em busca de liberdade, Paim sofreu misoginia da crítica literária e dos membros do PCB, que pregavam a revolução trabalhista, mas sem preterir da valorização da família patriarcal.

Quanto aos estudos da recepção, no lançamento de suas obras, Paim recebia bons comentários acerca da sua dedicação à luta de classes, mas era questionada pela crítica hegemônica por representar um mundo muito feminino, como aconteceu com *Sol do meio-dia*, que recebeu agressões machistas de Assis Brasil em 1961, considerando esse romance mal escrito por ter personagens não acabadas psicologicamente: “Ao lado desse romantismo de normalista, temos conceitos políticos e as observações extravagantes em relação a um estado de coisas, que só uma interpretação social poderia fazer” (Assis Brasil, 1961, p. 2). Esse tipo de crítica literária desvaloriza a obra de Paim por representar os pormenores psicológicos da protagonista e seu engajamento com os excluídos socialmente.

Cabe destacar que mesmo os colegas de partido não conseguem fazer de forma adequada uma crítica sobre as opções artísticas de Paim, pois privilegiam seu compromisso social, mas sem fazer um aprofundamento em seu estilo e na forma como a própria autora se insere em sua ficção. Para Jorge Amado, no prefácio de *O sol do meio-dia*, há um destaque para a personalidade da autora meio contraditória quando diz que Alina Paim “[...] jamais fez vida literária, sem pertencer a grupinhos. Para ela existe a literatura, não a vida literária. Jamais separou sua literatura da vida” (Amado, 1961, p. 7). Essa preocupação de desvincular a literatura de Paim da proposta do PCB era uma estratégia de vendagem, pois sabemos que naquele contexto havia muita censura para as/os escritoras/es filiadas/os ao partido.

Nos estudos feitos pela crítica feminista Elódia Xavier, a *Trilogia de Catarina*, de 1965, é destacada como sua escrita da maturidade, pois identificamos “[...] sutilezas semânticas, que exigem do leitor uma atenção redobrada para que o sentido não se perca” (2009, p. 77). Tais sutilezas são próprias dos romances de autoria feminina no Brasil, como a descrição do corpo feminino liberado. Esse corpo é o da protagonista, Catarina, que se empenha para se libertar do patriarcado e da dependência econômica; por isso essa personagem traz uma marca feminista própria do “corpo liberado”. Depois de um longo trajeto de amadurecimento, Catarina passa a ter a chave de sua vida: “[...] a liberdade de escolha de abrir a porta desejada. E esta liberdade vem respaldada pelo amadurecimento, pela longa e dura aprendizagem” (Xavier, 2009, p. 78).

Elódia Xavier amplia seus estudos sobre Paim ao citá-la em *A casa na ficção de autoria feminina* (2012). A pesquisadora faz um aprofundado estudo acerca da representação da casa, com seus diferentes sentidos a partir do olhar da mulher, questionando o espaço patriarcal. Por exemplo: no romance *A viúva Simões* (1897), de Júlia Lopes de Almeida, Xavier identifica uma “casa couraça”, que protege a mulher do perigo de viver no mundo machista; no conto “O Amor” (1960), de Clarice Lispector, temos a presença da “casa protetora”, que protege e aprisiona a esposa ao lar; em *A sentinela* (1994), de Lya Luft, temos a “casa revivida”, um local de interação psicológica.

Na obra de Paim, Elódia Xavier identifica o modelo de “casa jaula” em *A correnteza* (1979). Comprar a casa própria era um sonho para a protagonista, Isabel, que sacrifica todas as relações familiares para conseguir seu bem. Todavia, depois de adquiri-la não consegue ser feliz. Ela rouba o noivo da irmã e se prostitui para comprar um lote e construir uma casa em uma comunidade do Rio de Janeiro. Para Xavier, mesmo tentando se salvar da prisão que fez para si própria, Isabel “[...] está grudada às paredes, presa na casa jaula. Como Cristo, pregado na cruz, seu ‘corpo rijo, morto de qualquer ação, pregado na parede, jungido à casa-grande”” (Xavier, 2012, p. 55). Essa pesquisa feminista e historiográfica de Xavier evidencia uma importante estratégia de resgate ao incluir Paim na história literária.

Portanto, as estratégias de resgate de Ana Leal Cardoso, Carlos Magno Gomes e Elódia Xavier apontam para o mesmo caminho: inserir o legado literário de Alina Paim na história da Literatura Brasileira. Ao compararmos as estratégias usadas por Paim com as de outras autoras brasileiras e estrangeiras, estaremos revisando seu silenciamento e dando destaque para suas opções estéticas (Gomes, 2013).

A título de ilustração, mesmo sendo classificada como uma escritora realista, Alina Paim desenvolve uma literatura particular e intimista que precisa ser melhor analisada a partir dos estudos atuais da autoficção, que revelam uma nova roupagem para obras que eram

renegadas ao esquecimento por estarem associadas ao velho “romance autobiográfico”, que era desmerecido pela crítica hegemônica, “[...] a qual o considerava um filho bastardo” (Figueiredo, 2020, p. 239).

Pelos estudos destacados, observamos que uma das principais marcas da escrita literária de Paim está em suas estratégias de ficcionalização de sua vida como intelectual. Assim, o escrever, para ela, está alicerçado e enraizado no “eu” existencial, promovendo um movimento autoficcional, mesmo sendo entrecruzado por denúncias e reflexões que questionam valores sociais.

A seguir, mostramos como nossa fomenageada neste artigo tem diferentes formas de abordar as “escritas de si”, ponto fulcral de nossa análise aqui, ora esmiuçando a vida psicológica de suas personagens, ora descrevendo a vida social da gente miúda do Brasil.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Da liberdade ao trabalho da escritora: os primeiros passos da escrita de si de Paim

As memórias da fase em que Alina Paim morou entre Sergipe e Bahia estão registradas nos seus três primeiros romances, que trazem diferentes tons dos desafios da jovem que se interessava por lutar pelos direitos humanos.

A primeira, que está relacionada à divergência de realidades sociais no âmbito educacional, como descrito em *Estrada da Liberdade*, no qual a protagonista Marina, professora recém-formada no colégio de freiras, passa a lecionar no mesmo e apresenta um olhar contestador àquele sistema que oprime e controla as mulheres. Quando Marina é aprovada em um concurso público, começa, então, a lecionar na periferia. Com esta experiência, a autora relata o descaso com a camada popular mais carente, vindo de todos os lados, de todos os grupos: político, social, cultural e profissional. As experiências de Alina Paim registradas nesse romance estão relacionadas à fase em que viveu em Salvador e nos primeiros anos de sua estadia no Rio de Janeiro, nos que trabalhou como professora.

A segunda experiência foi ficcionalizada no romance *Simão Dias* (1949), que retoma momentos seus, onde a protagonista, Do Carmo, tem uma trajetória muito parecida com a da jovem escritora. Ela passa a infância com as tias solteiras devido ao falecimento de seus pais, mas é com Luiza que ela mais se identifica. Essa tia havia saído de uma cidade do interior de Sergipe, Simão Dias, para estudar na capital baiana. Porém, devido a não poder ficar morando sozinha, teve que retornar e se casar com um rapaz prometido por seu pai. Entretanto, lutou

para conseguir ministrar aulas para jovens que sonhavam em estudar na capital e precisavam se preparar para o exame admissional do Colegial. Neste interim, Do Carmo também sonhava em estudar fora e precisou brigar com as demais tias e com a avó para poder participar das aulas de Tia Luiza – o que promoveu uma grande transformação em sua vida: mudança de rotina, um novo olhar sobre as tias, reflexão sobre o presente e o desejo de um futuro diferente.

A terceira experiência em que ficção e memória se confundem foi registrado em *A sombra do patriarca* (1950), no qual a protagonista Raquel, órfã de mãe, faz uma visita aos parentes de Sergipe. Na ocasião, ela se depara com um proletariado rural que transita das práticas do engenho de cana-de-açúcar para a produção industrializada do açúcar. Nesse contexto de exploração dos trabalhadores, Raquel compreende o porquê do seu pai “suar frio” todas as vezes que fala o nome do Avô Ramiro; entende, por fim, o porquê da submissão por parte da família e da cidade aos gostos e desejos de Tio Ramiro, o patriarca da fazenda Real.

Em suas andanças pelas terras sergipanas, Raquel tem a oportunidade de conhecer outro grupo de familiares que vivia na fazenda Curral Novo com a matriarca Tia Celina. Era um grupo mais humilde, labutando na casa de farinha e mantendo o engenho em funcionamento. Seu encontro mais significativo é com a prima Leonor, desafiadora dos valores patriarcais. Essa jovem sonha em cursar Medicina e, para isso, deseja ir para o Rio de Janeiro. Leonor introduz Raquel nas obras de filósofos e pensadores revolucionários que lhe dão suporte para uma visão crítica da luta de classes como Tólstoi e Dostoiévski.

Nesses três romances, temos um narrador que propõe reflexões sobre os direitos femininos de uma forma bem particular. Esse cuidado com o Outro é uma marca dessa primeira fase da “escrita de si” que identificamos na obra de Paim. Nesses romances, a introspecção feminina vai prevalecer, privilegiando a formação intelectual de suas protagonistas, que estão sempre interagindo com os menos favorecidos economicamente.

Por exemplo, em *Estrada da Liberdade*, a personagem Marina, professora em uma escola de freiras na qual havia estudado e concluído o Magistério, possui um gosto por obras que mostram mulheres transgressoras, mas consideradas imorais para os padrões patriarcais e religiosos vigentes então: “Marina está lendo Lucíola, Carmen tinha escondido Baronesa do amor. Livros perigosos” (Paim, 1944, p. 16). Os romances românticos de José de Alencar e Joaquim Manoel de Almeida, respectivamente, faziam referência à transgressão sexual feminina, por isso eram vetados no internato.

Depois desse período, na casa da madrinha, ela tenta incentivar o afilhado a ler e escrever. Quando Marina começa a lecionar na periferia, em uma escola pública, passa a sentir a necessidade de realizar outras leituras. Isso acontece quando ela é apresentada à Sociologia,

Filosofia e romances com teor social mais crítico. O contato com tais livros provoca uma mudança de postura em Marina, que passa a se opor à educação controladora e punitiva recebida das tias e freiras, encorajando-se a questionar as instituições sociais e as pessoas ao seu redor.

Ao se colocar contra essas regras, as protagonistas de Paim se projetam fora do lugar tradicional que as mulheres ocupavam e estão sempre em busca de um espaço todo seu. Essa busca é também parte da escrita de si. Assim, consideramos suas obras iniciais como laboratório para as produções com um viés mais socialista, como veremos nas obras seguintes, em que a escrita de si passa a ser também a escrita do Outro.

2.2 O domínio da escrita de si pela escritora sergipana Alina Paim

Em *A hora próxima*, Paim explora a estética do realismo socialista com mais detalhes, pois é um romance encomendado e acompanhado de perto pelos censores do PCB. Todavia, ela não se dobra totalmente a essas exigências e mantém o foco nas personagens femininas; nesse caso, as esposas dos ferroviários que promoveram a greve. Por ser uma obra que foi documentada pela própria autora, que participou diretamente das manifestações grevistas em 1951, ela é menos autoficcional. Mesmo seguindo as orientações estéticas do realismo socialista, o romance passou por várias versões e só foi publicado em 1955, depois de adiamentos do lançamento pela Editora Vitória, conforme constata Gabriel Silva (2022) ao consultar os jornais que antecipavam o lançamento desse romance, visto que as greves dos ferroviários ficaram famosas. Nele, Paim assume seu papel intelectual de escrever sobre o povo e para o povo.

Ainda na fase voltada para a estética do realismo socialista, ela publica *Sol do meio-dia*, apresentando uma protagonista que valoriza o papel social da escritora preocupada com o povo. Nessa obra, temos o equilíbrio entre o realismo crítico e a introspecção feminina. Ester tem uma trajetória parecida com a de outras personagens da escritora: viaja de Paripiranga, no interior da Bahia, para o Rio de Janeiro em busca de independência financeira. Ela foge de um patriarca que a proíbe de estudar: “Sem ter quinze anos, saia abaixo do joelho e dente de siso, não fica longe de minhas vistas” (Paim, 1961, p. 48). Mas foi na casa do Professor Virgílio que a menina encontrou o seu alento: uma biblioteca vasta e convidativa para que os anos passassem e ela pudesse se preparar para buscar sua liberdade devidamente munida.

O enredo construído em torno da protagonista é povoado por diversas personagens trabalhadoras e desencontros familiares. Grande parte da ação se passa na pensão de Dona Beatriz, local de reminiscências de Ester, que não se desvincula das lembranças de sua infância.

Por ter dificuldades de achar um emprego, ela resiste e passa a observar os moradores da pensão. Pensando em ser escritora, compartilha experiências com esses pensionistas a fim de exercer a “[...] arte de compreender o que sentia no vagar de ouvir confidências e no escrúpulo de julgá-las” (Paim, 1961, p. 130).

Por retratar uma experiência intimista da protagonista, *Sol do meio-dia* também consegue escapar do rígido modelo da literatura socialista, ao focar na introspecção, como afirmou Jorge Amado no prefácio: “[...] uma unidade marca a sua obra: a compreensão e a solidariedade humanas. Essa moça silenciosa e acanhada sabe todos os segredos da alma feminina, penetra fundo no coração do ser humano” (Amado, 1961, p. 8). Mesmo sem se aprofundar na análise do romance, Amado identifica nele aspectos de uma escrita de si engajada com o Outro, pois privilegia “[...] a compreensão e a solidariedade humanas”. Mesmo com uma educação informal, Ester transforma-se em uma tradutora e escritora, fugindo do destino de suas congêneres na época e do preconceito em torno de seus conhecimentos como a própria protagonista se pergunta: “Por que existia a dúvida contra ela? Tinha culpa se aprendera a ler, estudara, traduzia francês, encontrava-se por trás de um teclado ao invés de pentes de tear?” (Paim, 1961, p. 169-170).

Essa personagem vivencia os dilemas ideológicos de uma intelectual de esquerda, pois vive o drama da sua vocação enquanto escritora, mas é cobrada a seguir o padrão estético imposto pela militância comunista. Além desses impasses, ela é uma jovem apaixonada pela vida, pelo noivo e observadora dos diferentes movimentos que as pessoas realizam na pensão de Dona Beatriz. Ela é sensível à condição de vida do Outro, capaz de sentir as dores do Outro: “– Os problemas do povo estão com Ester – disse D. Beatriz, piscando com malícia. – Não compreendo como uma jovem inteligente se mete numa empresa de consertar o mundo. O mundo não tem remendo que lhe assente, nesta altura de sua ruína” (Paim, 1961, p. 233).

Ao projetar uma jovem que se inspira no dia a dia do povo, Paim também se projeta na arquitetura de *Sol do meio-dia*. Ester passa por uma formação como intelectual que luta por um trabalho digno, mas sofre com a misoginia. Diante dessas agruras, descobre que a escrita pode ser sua saída. Ela se desdobra no momento da escrita, quando rememora seu passado para iniciar esta faina:

Cabia-lhe agora convidar os amigos. – Acerquem-se da mesa, amigos. Tomem seus lugares. Vamos, Tio Martins, Maria da Penha, Osvaldo, Judith, Seu Rocha, Sanches, Teodoro e Marta, Margarida e Henrique. Vocês construíram minha casa, devo-lhes esta festa. Com Emoção, Ester abriu o caderno, tomou o lápis e começou a escrever (Paim, 1961, p. 309).

Essa cena condensa uma “escrita de si” amadurecida de uma Alina Paim que projeta a desvinculação da estética do realismo socialista para iniciar um processo de volta às suas introspecções femininas, como poderemos ver na *Trilogia de Catarina*, lançada em 1965, e reconhecida por Elódia Xavier (2009) como uma primorosa obra de introspecção psicológica. Portanto, em *Sol do meio-dia*, identificamos uma protagonista que cuida das mulheres e, ao mesmo tempo, projeta-se como elo entre o texto e a sociedade. Ester atravessa muitos desafios, dificuldades e aprendizagens durante sua formação até chegar o momento de abrir o baú da memória, trazer todas/os que são caras/os à sua vida e iniciar a construção de uma nova vida, de um romance dentro do romance.

Nessa obra, o ativismo de esquerda de Paim se projeta de forma equilibrada, ressaltando seu amadurecimento estético, voltado para lapidar uma autoficção engajada com a própria arte de escrever. A autora explora o papel político da mulher por meio da consciência psicológica da protagonista, todavia, inovando no equilíbrio psicológico dela e sua consciência crítica diante da tarefa de escrever sobre o povo e para o povo. Em Ester, observamos uma mulher que interage mais com os problemas sociais, reforçando “[...] experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina” (Rago, 2013, p. 28).

Como visto, em *Sol do meio-dia*, a trajetória de Ester expõe traços da autoficção, pois também nos remete aos passos de Alina Paim em sua atuação frente ao PCB e aos dilemas de se manter presa a uma estética voltada para a repetição de valores socialistas. No livro, os acontecimentos se entrelaçam e a autora opta por não utilizar os nomes das pessoas como suas personagens – até porque da última vez que o fez, rendeu-lhe grandes desafetos com os familiares e com a própria cidade de Simão Dias, onde passara parte de sua infância. Portanto, *Sol do meio-dia* imprime as marcas de uma escrita dedicada ao povo brasileiro, detalhada pelo olhar de uma intelectual de esquerda que acredita na formação educacional como uma estratégia social de sobrevivência diante do feroz capitalismo.

Por ter sido uma intelectual atuante social, política e literariamente, causa-nos estranheza que seu nome seja desconhecido por parte considerável do público leitor de nosso tempo, mesmo ela tendo deixado um legado literário atemporal e, na verdade, bastante condizente com as tendências literárias atuais, com a escrita de si que a caracteriza e distingue.

Como se trata de uma escritora nordestina advinda do quinto estado mais pobre do Brasil e o menor deles em extensão territorial, dedicada que foi ao PCB quando não somente a esquerda era perseguida como as mulheres que se dedicavam ao exercício da escrita encontravam maiores dificuldades do que seus pares masculinos para publicar seus escritos,

acreditamos que esses fatores, somados a outros, contribuíram para o silenciamento e o apagamento que a autora sofreu.

Sem embargo, trabalhos como este que ora findamos colaboram, em conjunto com outras pesquisas afins, para trazer à luz nomes como o de nossa fêmeageada, que foram propositalmente ofuscados pela historiografia literária e por nosso cânone literário porque ousaram subverter o papel determinista que se tinha para as mulheres – e ainda se tem; no entanto, ora bastante menos do que outrora. Com ousadia e coragem, Alina Paim e outras beletistas de sua estirpe vêm ajudando a reconstruir esse lugar a partir da escrita de si, a partir das experiências vividas e compartilhadas em forma de arte com o verbo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisarmos novas possibilidades de leitura dos romances de Paim, constatamos que há uma estética autoficcional que pulsa em sua obra e que projeta uma intelectual extremamente compromissada com as causas sociais. Ao considerarmos seus cuidados com as personagens femininas, observamos o quanto a abordagem sobre a “escrita de si” vai mudando no decorrer de seus romances. Se no primeiro momento, em *Estrada da Liberdade*, temos um narrador preocupado em descrever miudezas da vida de uma professora, em *Sol do meio-dia*, identificamos um narrador que passou pela fase do realismo socialista e aborda a “escrita de si” a partir do lugar privilegiado da mulher.

Outro aspecto destacado neste artigo está relacionado ao processo de resgate do legado literário de Paim. Para que essa revisão aconteça, as obras dela precisam ser relidas por leitoras/es e pesquisadoras/es atuais para preenchermos as lacunas da história, visto que seus romances não são reeditados com a frequência que merecem. Em 2022, a Secretaria de Educação do Estado de Sergipe (SEDUC-SE), por meio de um projeto de publicação de Ana Leal Cardoso, relançou cinco obras da autora: *Estrada da liberdade*, *A sombra do patriarca*, *A hora próxima*, *Sol do meio-dia* e *A correnteza*, promovendo a divulgação de sua literatura na atualidade para que mais professoras/es e alunas/os leiam seus livros.

Como destacado aqui, o trabalho de resgate historiográfico deve ultrapassar as fronteiras do feminismo e do realismo socialista que caracterizam os escritos paimianos, pois sua obra é parte do patrimônio literário voltado para descrever personagens transgressoras que têm um olhar para o povo brasileiro. Portanto, precisamos rever como sua recepção aconteceu e propor novos caminhos para ampliar os sentidos de sua escrita por meio de estudos que valorizem as diferentes etapas da “escrita de si” em seus romances, que ora tendem à subjetividade feminina,

ora à educação das mulheres. Cabe destacar que, na maioria de seus romances, Alina Paim conseguiu produzir uma literatura ímpar ao se projetar no centro de sua ficção.

Consideramos que a técnica da “escrita de si” precisa ser melhor investigada nos seus romances para que possamos entender como as malhas dos textos se misturam com a da História, uma vez que se trata de a autora fazer uso de sua liberdade para expressar sua voz por meio das personagens que cria, que são *personas* que espelham seu *alter ego* em muitas dessas obras. Constatamos também que as peculiaridades desse escrever, tratando as personagens femininas com profundidade, vão muito além do rótulo de literatura socialista, como no caso de *Sol do meio-dia*, já que Ester espelha os rastros sociais da atuação de sua criadora.

Assim, a crítica literária brasileira poderá dar mais visibilidade às delicadezas da tessitura literária dessa autora ao explorar os diferentes tons da “escrita de si”, indo além do padrão estético imposto pela crítica misógina. Se em *Estrada da liberdade*, Marina deseja uma carreira profissional, longe do controle e ordens das religiosas, em *Sol do meio-dia*, Ester, após desafiar os pais e ter uma educação informal com o Professor Virgílio, consegue se projetar como uma escritora dos humildes, desafiando quem não acreditava em seu potencial de ser escritora.

Assim, verificamos que diante de situações tão densas enfrentadas por suas personagens femininas, Alina Paim tece particularidades da vida social brasileira, descrevendo sua gente miúda, que se volta para resolver os dilemas cotidianos como ter uma profissão, uma família e uma casa própria. Trata-se de uma literatura que sonha com uma sociedade mais justa e que merece ser melhor conhecida por nossas leitoras e leitores, fazendo jus à sua escrita sensível, profundamente humana e prolífica.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. da C. *Feminismo entre ondas: mulheres, PCB e política no Brasil*. 2020. 353 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.

ALVES, I. da C. Literatura e feminismo: representações da liberdade das mulheres em Alina Paim. *Anais do 30º Simpósio Nacional de História: História e o futuro da educação no Brasil*. In: VILELA, M. A. F. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019, p. 1-17.

AMADO, J. Prefácio. PAIM, A. *Sol do meio dia*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira do Livro, 1961.

- ASSIS BRASIL. Literatura Feminista. *Jornal do Brasil*. Suplemento dominical, 9 de setembro de 1961, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=Alina%20Paim&pagfis=21691. Acesso em: 10 de nov. 2023.
- CAMPELLO, E. Um novo perfil para a historiografia literária: escritoras brasileiras. In: SCHMIDT, R. (Org.) *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. pp. 43-54.
- CARDOSO, A. L. Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos dos tempos. In: *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, UFMG, vol. 20, 2010, p. 125-132. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18390/15179>. Acesso em: 5 dez. 2023.
- CARDOSO, A. L. A obra de Alina Paim. *Interdisciplinar*, UFS, vol. 4, n. 8, 2009, p. 35-45. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1182/1020>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, vol. 17, n. 49, 2003, p. 151-172. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- FIGUEIREDO, E. A autoficção e o romance contemporâneo. In: *Revista Alea*. Rio de Janeiro, UFRJ, vol. 22, n. 3, 2020, p. 232-236. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/40480>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- GOMES, C. M. S. Escritoras marginalizadas. In: *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*. UFMG, Belo Horizonte, vol. 19, n. 1, 2014, p. 23-38. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/5408/5348>. Acesso em: 10 out. 2021.
- GOMES, C. M. S. Ensino de literatura: dos estudos de gênero à historiografia. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, UEPB, Campina Grande, n. 22, p. 31-45, 2013. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/296>. Acesso em: 18 out. 2023.
- MUZART, Z. L. A ascensão das mulheres no romance. In: ALVES, A. et al. (Orgs.) *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Mulheres, 2011, pp. 17-27.
- PAIM, A. *Estrada da Liberdade*. 2 ed. Salvador: Assembleia Legislativa, 2014.
- PAIM, A. *Sol do meio-dia*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira do Livro, 1961.
- PAIM, A. *A hora próxima*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.
- PAIM, A. *A sombra do patriarca*. Rio de Janeiro: Globo, 1950.
- PAIM, A. *Simão Dias*. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa, 1949.

RAGO, M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SILVA, G. M. *O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar? Produção cultural e política na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956)*. 2022. 236 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2022.

XAVIER, E. *A casa na ficção de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres, 2012.

XAVIER, E. A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim. In: *Cadernos de Literatura Contemporânea*, Brasília, UnB, v. 33, 2009, p. 71-80.